

'O Alienista', de Machado de Assis, sob a patafísica

PÁGINA 4



Avenida Brasil chega aos 10 anos ainda com muito sucesso

PÁGINA 11



Madeira e carvão ganham nova vida com Afonso Tostes

PÁGINA 12



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

'Leio os clássicos para me embasar e os contemporâneos para me reciclar'

Aclamado no exterior, o imortal Antônio Torres completa 50 anos de prosa e lança 'Querida Cidade'

Divulgação

Traduzido num cardápio farto de línguas (francês, italiano, espanhol, alemão, holandês e hebraico) graças ao sucesso internacional da prosa de "Essa Terra" (1976) entre gerações e gerações de leitores, o baiano Antônio Torres chega aos 50 anos de carreira como escritor com um romance novo, o 12º de uma trajetória iniciada em 1972, chamado "Querida Cidade" (Ed. Record), considerado tão visceral quanto os escritos de sua juventude.

Numa narrativa capaz de trançar sonho e realidade, melancolia e esperança, seguimos os passos de um sujeito em revisão crítica de si mesmo, decodificando mágoas inerentes ao êxodo de sua cidade natal, que deixou pra trás, a fim de tentar uma vida melhor, para estudar, mas também para fugir de algo.

Ao conversar com a mãe sobre o pai, que sumiu sem deixar vestígios muitos anos antes, o anti-herói de Torres rememora a sua própria trajetória de migração, independência, fracasso e eventual retorno às origens. É um processo semelhante ao que Torres - eleito imortal da Academia Brasileira de Letras em 2013 - faz nesta entrevista ao Correio da Manhã, ao rever o proces-

so que o levou à consagração com o êxito de seus livros, a partir de sua estreia, há cinco décadas, ao publicar "Um Cão Uivando Para a Lua", seguido por cults como "Os Homens dos Pés Redondos" (1973) e "Um Táxi Para Viena d' Áustria" (1991).

Você utiliza uma expressão lúdica, "movido unicamente pela força das suas nostalgias", para descrever o fluxo de seu protagonista. Qual é a nostalgia que impulsiona o êxodo? Qual o lugar do êxodo na sua prosa?

Antônio Torres: "Quem parte leva saudades": assim começa a versão brasileira da popularíssima "Cielito Lindo", escrita em 1882 pelo mexicano Quirino Mendonza y Cortés, e cantada por Deus e o mundo tempos afora, da carioca Emília Borba a Pavarotti. Certo, nostalgia e saudade não são exatamente os mesmos sentimentos, mas mandam lembranças uma para a outra. A primeira



vez que as vi de mãos dadas foi na tarde de um sábado já perdido nos confins da memória, quando, recém-chegado a São Paulo, aos 20 anos, peguei um trem para São Miguel Paulista, bairro periférico que havia se tornado um reduto dos baianos, atraídos pela possibilidade de trabalho nas fábricas da Nitro Química e da Votorantim. E ali, logo nos primeiros passos, eu iria reencontrar parentes e amigos de infância, não faltando entre eles quem me perguntasse, entre sorrisos, abraços e apertos de mão: "Sabe dizer se está chovendo por lá?". De cara entendi o que estava por trás da pergunta. Se de estalo eu dissesse sim, chove no nosso sertão, não faltaria quem viesse a pegar o pau-de-arara de volta. Deduzo, portanto, que a nostalgia que impulsiona o êxodo é aquela que está no dicionário como uma sensação de saudade idealizada, associada a um desejo sentimental de regresso.

Continua na página seguinte

‘Foi um caso de amor à primeira leitura’

Divulgação

Seu livro transita por duas geografias: uma real, onde o personagem parece ligado umbilicalmente à cidade onde nasceu; e uma imaginária, das andanças do seu herói por um mundo interno onde nada lhe pertence. É uma marca que parece dar identidade à sua prosa. Mas de que geografias concretas é feita essa sua geopolítica lírica? **Do Rio, do Junco?**

Por trás desse personagem que carrego dentro de mim, há um nordestino e brasileiro, paulista, carioca, petropolitano e estrangeiro, a transitar por geografias ao mesmo tempo prováveis e improváveis, o que, afinal, não é novidade na literatura, em lugar algum. O que faz a distinção é a visão de mundo e o estilo de cada um.

Seu livro “Um Cão Uivando para a Lua” vai fazer 50 primaveras. Serão 50 anos de literatura nas suas costas, oficialmente. O que mais mudou na sua lida com o ofício? A cresça na força da palavra ainda é a mesma? **Que alcance a prosa brasileira ainda tem, pelo que você viveu nessas cinco décadas de Letras?**

No limiar desse meio século na luta nem sempre vã (salve, eterno Drummond!) com as palavras, o que mudou foi o seguinte: se levei oito meses para escrever o primeiro romance, o 12º. exigiu 12 anos. Enquanto escrevia “Querida Cidade”, cheguei a pensar que nunca iria terminá-lo, de tanto me deixar levar na corrente rítmica do texto, a passar um pente fino em cada palavra, cada frase, cada parágrafo, para tirar-lhes as lêndeas, como a minha mãe fazia nos cabelos das minhas irmãs, quando éramos crianças. Pouco importava se ninguém se importasse com isso, eu me dizia. O importante é que eu ainda me importo. Quanto ao alcance que a prosa brasileira ainda tem, cabe mais aos editores



e analistas do mercado responderem. O que sei é que a pluralidade e vitalidade da produção literária nacional é imensurável, como se pode ver num livro de quase 500 páginas publicado faz pouco tempo, “Notícia da Atual Literatura Brasileira”, organizado pelos professores André Tessaro Pelinser, Andréia Delmaschio, Letícia Malloy e Vítor Cei. Entrevistaram dezenas de escritores de todas as regiões do país, dos quais eu ainda não conhecia nem a metade. Sem se falar nos que conheço e que não estão ali. Agora, quantos de nós chegamos ao mercado, e daí ao leitor? Essa, é outra história.

Como é que a solidão, tema central de seus livros, na desconexão de seus personagens com o mundo, traduz a sua reflexão sobre a realidade política e social de onde você escreve?

“Ó solidão do boi no campo, ó solidão do homem na rua! No campo imenso, a torre de petróleo”. Acho que não será preciso dizer quem acabou de soprar esses versos nos meus ou-

“*Entrevistaram dezenas de escritores de todas as regiões do país, dos quais eu não conhecia nem a metade*”

Antônio Torres

vidos (são estrofes do poema “O Boi”, de Carlos Drummond de Andrade). Ah, se uma tempestade de amor caísse sobre esses tempos em que vivemos! É um tempo de guerra, um tem sem dó. E uma realidade política e social assombrosa. Nessa realidade que beira o caos, volto a me lembrar das promessas divinas da esperança de um poema lido pela primeira vez na escola da minha infância.

Que novas vozes hoje mais e melhor ecoam em você das Letras do Brasil e lá fora? A recente revolução inclusiva revela que nomes de peso?

São muitas as novas vozes. Se



cito umas, posso causar mágoas. Mas digo aqui o que venho dizendo em outros lugares: leio os clássicos para me embasar e os contemporâneos para me reciclar. Quanto aos que vêm se destacando nas agendas inclusivas, pululam os nomes de Ana Maria Gonçalves, a autora do monumental romance “Um Defeito de Cor”; Maria Valéria Rezende (“Vasto Mundo”); Itamar Vieira Júnior (“Torto Arado”); Jeferson Tenório (“O Averso da Pele”); Paulo Scott (“Marrom e Amarelo”). E incluamos nessa lista Daniel Mundurucu, o que vem trazendo o imaginário indígena para crianças e adultos de todas as cores, e Carla Madeira, de quem

acabo de ler, com um entusiasmo inenarrável, “Tudo é Rio” e “Véspera”, dois baitas romances com o protagonismo feminino em cena. E que meus esquecimentos nesta lista sejam relevados.

Qual foi o livro que te fez amar os livros? Que palavra te fez amar a palavra?

Meu caso com a literatura foi o de um amor à primeira leitura, logo na minha primeira escola, na qual uma professora chamada Serafina fazia os alunos ler poemas em voz alta, todas as manhãs: “Auriverde pendão da minha terra...”/ “Criança, não verás país nenhum como este...”/ “Não chore, meu filho, não chore/ Que a vida é luta renhida/ Viver é lutar.”/ “Ai que saudades que eu tenho...” (Lembra de “Aurora da minha vida”, a memorável peça teatral do meu saudoso amigo Naum Alves de Souza? Esse tempo está todo nela). Um dia chegou a professora Teresa para inaugurar o prédio da escola rural, e levou os meninos para muita prosa, deixando as meninas com a poesia de Dona Serafina. Ela começou pondo a turma em fila, para que cada um lesse um trecho de uma “Seleta Escolar”, que ela tinha nas mãos, e que me levaria a navegar pelos verdes mares bravios da terra natal de José de Alencar, onde cantava a jandaia, na fronde da carnaúba. Imagine o impacto disso para um menino de um lugar no qual nem rio havia. Muito menos jandaia e carnaúba. Danei a sonhar com águas, faunas e floras inimagináveis. Preciso dizer sobre a revolução que essa iniciação como leitor de romance provocou na minha cabeça?

O que vem pela frente?

Antônio Torres: O futuro ao teclado pertence. Espero – tac -, que ainda venha a tocar muito nele, e que - tac, tac, tac - me responda. Magnanimamente.